

## **CAPÍTULO 9**

A bidimensionalidade e a tridimensionalidade na ilustração infantil

**Maria Fernanda Antunes**

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra  
fernandantunes@esec.pt

**Sílvia Maria Espada**

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra  
silviaespada@esec.pt

## Introdução

A unidade curricular de Ilustração está inserida no segundo semestre do segundo ano da licenciatura em Arte e Design da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra e promove a aquisição de conhecimentos teóricos, práticos, estéticos e técnicos necessários à comunicação visual de conceitos e ideias, no âmbito da ilustração.

Nesta unidade curricular, os alunos desenvolvem projetos, maioritariamente, práticos e teórico-práticos, de acordo com os conteúdos programáticos e com o objetivo de adquirirem conhecimentos e know-how que lhes permita colocá-los em prática. Tendo como base “do briefing à finalização do projeto e as diferentes linguagens de ilustração para diferentes problemas de comunicação”, as docentes da unidade curricular desafiaram o grupo de alunos para uma abordagem de índole projetual que resultaria na planificação, composição e conceção de um objeto didático de carácter ilustrativo, direcionado para a educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico.

O artigo resulta de um projeto estruturado em duas fases, sendo que a primeira tinha como propósito ilustrar e compor um livro com base num conto de Hans Christian Andersen e a segunda fase converter essas ilustrações para um formato tridimensional.

Essa transposição de bidimensionalidade para tridimensionalidade teria de passar pela escolha de um de dois objetos, tapete contador de histórias ou teatro contador de histórias. De acordo com Cordas (2017), “a ilustração tridimensional, detentora de uma linguagem própria, cria, obrigatoriamente, a necessidade de um novo modo de pensar e construir a imagem, que são diferentes do pensar e fazer bidimensional.” (p. 212)

Deste projeto emergem os seguintes objetivos: a) criação de um objeto didático direcionado à educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico; b) perceber as dificuldades projetuais da transformação tridimensional de um conto; c) analisar soluções alternativas num projeto de ilustração, tendo em conta a mensagem visual e a sua transmissão a um determinado público-alvo.

Segundo Rocha (2001), “Tudo quanto toca a criança deve (...) ser cuidado com atenção e perícia para que não sejam gerados riscos ao desenrolar do Futuro. Do muito que cerca a criança, os livros constituem elemento atuante, tanto pela presença como pela ausência.” (pp. 17-18)

## Fundamentação e contexto

### *O objeto ilustrado*

O objeto ilustrado de que falamos é o livro ilustrado, sendo este para nós a referência primordial quando se fala de ilustração para a infância, no entanto, também poderia ser um tapete ou um teatro, como iremos ver mais à frente.

Mas afinal o que é um livro infantil? pergunta-nos Lins (2004) antes de nos dar a sua resposta, “Livros de papel, de pano, de madeira, infláveis, de plástico. Livros que pela temática, pelo uso da imagem, pelas cores, pelo formato, são indicados principalmente para crianças.” (p.44)

O livro ilustrado de acordo com Linden (2011) “inicialmente destinado aos mais jovens, à priori menos experientes em matéria de leitura, ele se consolida como uma forma de expressão por seu todo, e não exige menos competência estabelecida e diversificada de leitura.” (p.7)

Quando pensamos em livro ilustrado quase de forma automática associamos a duas linguagens, a escrita e a visual. Sendo que, ao longo da sua evolução histórica a ilustração foi ganhando cada vez mais espaço e relevância no objeto livro, o que levou a que houvesse uma linguagem visual mais rica ao nível da multiplicação de estilos e técnicas utilizadas pelos ilustradores.

Lins (2004) refere que “A técnica, o estilo, o traço, tudo tem de trabalhar em conjunto, a favor do livro.” (p.48)

Segundo Withrow e Withrow (2009), “Picture books offer a wide spectrum of relationships between word and pictures — from books without words to books where words and pictures are completely interchangeable.” (p.20)

Mas para ler um livro ilustrado não podemos apenas ler o texto, a imagem e a relação entre ambos. Para Linder (2011)

É isso, e muito mais. Ler um livro ilustrado é também apreciar o uso do formato, de enquadramentos, da relação entre capa e guardas com o seu conteúdo; é também associar representações, optar por

uma leitura no espaço da página, afinar a poesia do texto com a poesia da imagem, apreciar os silêncios de uma em relação à outra. (p.9)

O processo de desenvolvimento de um livro passa por diversas fases até chegar ao produto final. Antes da paginação do livro existe a necessidade conhecer a estrutura do livro, os princípios de composição da página e a própria fisionomia do objeto. Segundo Antunes (2016) “no design gráfico, as relações entre ambas as linguagens, ganham expressividade através da sua conjugação e interação, colaborando e reforçando-se a favor de uma maior funcionalidade comunicativa.” (p.132)

A definição do formato abarca logo à partida diversos conceitos, de acordo com Withrow e Withrow (2009) “form is a set of descriptive ideas about format, medium, content, genre, audience, structure and style.” (p.14)

A essência do livro ilustrado depende, em grande parte, do modo como o leitor detém e percebe a intenção dos distintos criadores do livro, escritor, ilustrador e designer.

Lins (2004), refere que

O livro infantil mantém o papel de estimular a criança a ser criança, a criar. O texto escrito conta uma história recheada de imagens nas linhas e entrelinhas. A imagem complementa e enriquece esta história, a ponto de cada parte de uma imagem poder gerar diversas histórias”

inclusive permite à criança criar a história só dela. (p.31)

Munari (2004) salienta,

Sabemos todos que o que uma criança de tenra idade memoriza, permanecerá para toda a sua vida. É por isso que podemos ajudar a criar indivíduos criativos e não repetitivos, indivíduos com uma mentalidade elástica pronta a resolver todos os problemas que uma pessoa pode ter na vida (...). Um indivíduo capaz de compreender todas as formas de arte, capaz de comunicar verbal

e visualmente, capaz de ter um comportamento social equilibrado. (pp.246-247)

O livro também se apresenta aqui como um objeto essencial no desenvolvimento da criança, pois de acordo com Lara (2020),

O livro é decisivo sobre a infância-, essa é a fase de buscas e descobertas. Crianças são inventores, exploradores e artistas singulares, possuem a capacidade de reinventar o mundo a partir do que é levado a elas. É na infância também que se aprende a criar e nutrir os laços afetivos, a desenvolver hábitos que serão reproduzidos ao longo da vida. (para.1)

Mas como referimos anteriormente, o objeto ilustrado não se limita ao livro, poderá ser um tapete ou um teatro de papel. Existem variadíssimos suportes para a ilustração, sendo que neste tipo de objetos se dá preferência à ilustração tridimensional.

Os contadores de histórias, segundo Stark (2015), utilizam estes objetos para “conduzir crianças e jovens ao universo mítico das histórias.” (p.125)

Numa entrevista realizada por Stark (2015), Warley Goulart, diretor e ator do grupo Os Tapetes Contadores de Histórias, refere que

O mais revelador para mim no processo de contar histórias com tapetes foi me deparar com as múltiplas possibilidades criativas em relação à palavra e ao objeto. (...) O contato com o público infantil, através das histórias (...) Já a experiência com o tapete em si me fez debruçar sobre um jogo criativo entre narração da história e animação de formas, som e imagem, deliciosa intersecção entre as poéticas da palavra e das formas. (p.127)

Os teatros de papel, apesar de poderem ter como base a ilustração bidimensional, vivem da tridimensionalidade que nos surge nas dimensões de comprimento, largura e profundidade. O teatro tem a grandeza de permitir que haja interação com as próprias ilustrações (ambientes, decorações e personagens), que ganham vida no ato de contar a história. De acordo com Reichelt (2012), o teatro de papel é “capaz de proporcionar prazer e

divertimento” às crianças “que sabem avaliar a magia dos objectos propostos para a aprendizagem e aquisição de experiência graças à sua criatividade e imaginação.” (para. 33)

Sendo as crianças um público alvo com necessidades próprias e características específicas, todo o escritor, ilustrador, designer ou executor do objeto final deve respeitar estes aspetos e fazê-los refletir no desenvolvimento do livro ou na criação de qualquer outro objeto ilustrado.

Independentemente da linguagem visual utilizada pelo ilustrador, este deve ser sensível à palavra escrita, de forma a criar ilustrações que valorizam e aprimoram a história, acrescentando-lhe valor e significado.

#### **Da bidimensionalidade à tridimensionalidade**

Num contexto de novas experiências estilísticas e técnicas, são ultrapassados os objetivos da representação bidimensional, para alcançar uma nova dimensão nas criações, a dimensão espacial, determinando, portanto, uma expressão visual alternativa, a ilustração tridimensional.

Aos objetos onde se aplica o conceito de tridimensionalidade é possível acrescentar uma nova dimensão de dinamismo, a percepção de profundidade. A tridimensionalidade diferencia-se pela escolha de formatos, dimensões, peças rolantes, recortes, origamis, materiais com propriedades sensoriais e outras peças móveis para comunicar a história.

A ilustração destinada especificamente às crianças, devido à sua natureza aliciante e recetiva a novas experiências, possibilita o uso de um amplo conjunto de materiais e técnicas, bem como, de dísparis abordagens no método de criação.

A autora Cordas (2017) refere que

Se atendermos à etimologia do termo tridimensional, podemos dizer, então, que o conceito básico de ilustração tridimensional é compreendido, como um tipo de imagem que se constrói inicialmente no domínio espacial (...) Ou seja, conceitos de escala, volume, perspectiva e efeitos de textura, luz e sombra, passam a integrar a linguagem visual desta nova forma de expressão. (p.204)

A técnica desenvolvida é selecionada de acordo com as necessidades do texto e das ideias subjacentes à comunicação da história e das ilustrações. A etimologia do termo tridimensional foca-se no conceito da imagem que constrói o domínio espacial, conceitos de volume, escala, perspectiva e efeitos como textura, sombra e luz.

Para Loba (2015, cit. por Cordas, 2017),

tem a ver com o texto e com o que na altura me apetece fazer e explorar e, basicamente, é isso. É uma ideia concetual, ou seja, é o que me apetece e o que seria importante explorar com a intenção de inovar. (p.380)

Para Ribeiro (2015, cit. por Cordas, 2017)

no processo tridimensional, possuímos uma quantidade de fatores muito maior, temos toda a composição, a forma, a cor, o claro-escuro, etc., como no processo bidimensional, mas depois adicionam-se-lhe mais umas quantas coisas. Metaforicamente comparando, é o mesmo que nos colocarmos dentro da boca de um tubarão, em vez de estarmos na boca de uma piranha e isso, para mim, é um estímulo, um desafio e quando isso acontece eu sinto que vou mais longe, que esse desafio puxa por mim. E todo esse processo provoca-me acidentes que não estão previstos e, para mim, a criação tem a ver com a resolução desses acidentes. E portanto, provavelmente a escolha da tridimensão, também tem a ver com essa procura do acidente, a procura de perder o controlo sobre as coisas. E eu sei que perdendo o controlo sobre as coisas, (...) estou a ter que reinventar soluções, logo, de certa maneira posso chegar a resultados que não chegaria na ilustração bidimensional. Uma vez que, nesse tipo de ilustração todo o processo é mais controlado. E essa é se calhar uma das razões que mais me motiva a optar pela tridimensionalidade. (pp. 389 – 390)

Enquanto que na ilustração bidimensional nos surge as dimensões de comprimento e largura, estabelecidas numa superfície plana onde o ilustrador trabalha segundo os seus conceitos; a

ilustração tridimensional define os aspetos formais da imagem tridimensional, bem como, estabelece o ritmo narrativo, obedecendo aos princípios de linguagem gráfica, cor, forma, ritmo, textura, escala, figura-fundo e movimento. Cabe ao ilustrador desenvolver e explorar formas para obter um resultado distinto e, ao mesmo tempo, fornecer a representação de uma imagem clara ao leitor.

Janiszewski (1990, cit. por Antunes, 2016) refere que a ilustração tridimensional tem na sua origem a manualidade que, por conseguinte, potencia estética e técnica à qualidade das ilustrações. Cordas (2017), refere que

Neste contexto, a parte manual e as tecnologias digitais, ambas com tendência de crescimento, complementam-se na criação de um objeto de comunicação gráfico onde a qualidade técnica e estética é facilmente descortinável. Por conseguinte, uma ilustração que não esconde, mas, pelo contrário, evidencia as características próprias da representação feita à mão ou, melhor dizendo, valoriza a espontaneidade da criação artística. (p.212)

A diferença entre bidimensionalidade e tridimensionalidade é a forma como se aplicam os princípios e fundamentos do design. O objeto bidimensionalidade e tridimensionalidade transmite um projeto diferenciador, pois o trabalho ilustrativo está mais presente do que a parte textual. Opções como o formato, disposição das informações, representação das imagens e produção gráfica são a base para entender a diferença no design. O formato caracteriza o aspecto físico do livro-objeto. (Romani, 2011)

As formas tridimensionais dos objetos transportam as ilustrações em figuras ou elementos, relacionando-as com equilíbrio e movimento.

Segundo Espada (2016), “os designers têm a tarefa de procurar novas relações entre o objeto e o utilizador com o propósito de promover estímulos de discussão, incertezas e emoções no contato com os objetos.” (p.31)

## **Procedimento**

Como foi referido anteriormente, a proposta de trabalho resulta de um projeto estruturado em duas fases distintas. A primeira fase tinha como propósito ilustrar e compor um livro com

base num conto de Hans Christian Andersen e a segunda fase converter as ilustrações bidimensionais do livro para um formato tridimensional que resultaria num tapete contador de histórias ou teatro contador de histórias.

Segundo Coquete (2002),

A ilustração bidimensional é a que se remete às duas dimensões da folha do papel das páginas onde está inserida. No caso da ilustração tridimensional, aos elementos da linguagem visual que normalmente estão presentes em todas as imagens e ilustrações, ou seja, a forma (com ou sem contorno), o ritmo, o equilíbrio, o contraste, a cor, a textura (visual ou tátil), acrescentamos agora o volume que poderemos também chamar, neste caso, de profundidade. (p.180)

A primeira fase da proposta de trabalho inicia-se com uma citação de Macêdo (2009), que refere que a

(...) relação da ilustração com o texto possui caráter interdependente, por tratar-se de duas linguagens completamente distintas, que demandam diferentes mecanismos cognitivos para serem compreendidos. Quando os significados do texto se esgotam, a ilustração vem para simbolizar o que não pode ser dito; quando a ilustração atinge o limite do que pode ser dito, o texto vem para potencializar a leitura da imagem. Texto e ilustração podem então se relacionar de diversas formas: se combinando, se complementando, criando pontes, construindo-se um sobre outro. As possibilidades são infinitas.” (p. 3)

Esta citação introdutória à proposta de trabalho vem lembrar os conteúdos lecionados durante as aulas e de certa forma indicar aos alunos que as possibilidades de resposta a um projeto de ilustração são infinitas.

Os conteúdos lecionados para a primeira fase do projeto estavam relacionados com o conceito de ilustração, a sua função, os domínios da ilustração e a narrativa visual. Foram abordados também materiais, diferentes suportes e técnicas utilizados na ilustração bidimensional. Sendo de extrema importância o conhecimento que os alunos adquiriram

nestas aulas sobre diversos ilustradores e as suas obras, pois servem de referência e ajudam no conhecimento e definição de géneros de ilustração e da própria linguagem visual.

É-lhes transmitido conhecimentos sobre o livro ilustrado para a infância, quer ao nível dos seus autores, ilustradores e editoras, quer ao nível do livro como objeto de design.

Baseado neste conjunto de conhecimentos teóricos, práticos, estéticos e técnicos referenciados, os alunos na primeira fase do projeto tinham que selecionar um conto de Hans Christian Andersen e fazer um trabalho escrito sobre o autor e o conto. A estrutura do trabalho era iniciada com uma introdução sobre a vida e obra de Andersen a apresentação do texto do conto escolhido com uma pesquisa de ilustrações já existentes sobre esse conto, e, finalmente, o preenchimento de folhas informativas correspondentes a cada ilustração selecionada, onde era indicado o nome do ilustrador, técnica utilizada, editora e ano de publicação.

A seleção dos contos de Hans Christian Andersen deveu-se a vários fatores. Primeiramente, porque alguns dos contos são sobejamente conhecidos pelo público em geral e por todo o mundo, logo, eram elevadas as hipóteses de os alunos terem tido nalgum momento da sua infância ou da sua vida contacto com eles. Segundo Veloso (2005),

verificamos que ao longo de várias gerações os seus contos preencheram o imaginário infantil, constituindo suporte de momentos únicos que são os das histórias contadas pelos pais ou avós aos pequenos seres ávidos da descoberta do mundo e dos segredos que ele encerra. (p.108)

Em segundo lugar, são contos que já foram ilustrados por variadíssimos ilustradores no mundo inteiro, pelo que, permitiria que os alunos fizessem uma investigação das ilustrações já realizadas, analisassem e reconhecessem a técnica utilizada, assim como, a identificação do ilustrador e do seu traço individual. Em último lugar e não menos importante, esta escolha recaiu sobre Andersen por este ser a maior referência da literatura infantil. De acordo com Veloso (2005), é “um facto constatado por todos a clara influência que Hans Christian Andersen exerceu e continua a exercer na criação literária para crianças.” (p. 108). Eram raros os livros voltados especificamente para crianças até o aparecimento dos contos de Andersen (Hans Christian Andersen Poeta e escritor dinamarquês, 2006, para. 4).

No entanto, estávamos conscientes que a maioria dos alunos iria apenas encontrar adaptações dos contos de Andersen, como refere Riscado (2005),

Hoje em dia, as mais de cem línguas em que os contos de Andersen se encontram traduzidos revelam o interesse que, ao longo dos tempos, eles despertaram, mas as diferentes versões – sobretudo as traduções indiretas em larga escala – fazem também pensar em que medida o acesso à genuinidade de Andersen está, na maior parte dos casos, vedada aos seus leitores.” (p.101)

Pareceu-nos que mesmo recaindo as opções sobre as adaptações aos contos, estas mantinham a essência do conto original, pelo que era aceitável.



Imagem 1 – Ilustração do conto “O Roxinol do Imperador” - aluno Călin Mureșan



Imagem 2 – Ilustração do conto “O Roxinol do Imperador” - aluno Călin Mureșan



Imagem 3 – Finalização da ilustração do conto “O Fato Novo do Imperador” - aluno Ricardo Ladeira Carvalho



*Imagem 4 – Estudos de personagens para a ilustração do conto “O Fato Novo do Imperador” - aluno Ricardo Ladeira Carvalho*

A segunda fase da proposta de trabalho, como já referido, consistia na conversão das ilustrações desenvolvidas no decorrer da primeira fase para um formato tridimensional. Essa transposição de bidimensionalidade para tridimensionalidade teria de passar pela escolha de um de dois objetos, tapete contador de histórias ou teatro contador de histórias.

Também na segunda fase do trabalho é apresentada aos alunos uma citação introdutória para enquadrar a fase do projeto. Segundo a informação dada sobre os Teatros de Papel (2013) pelo Museu de Teatro,

Os Teatros de Papel tornaram-se, a partir do século XVIII, numa das brincadeiras preferidas das crianças que o podiam fazer (nessa época, brincar e jogar são privilégios exclusivos das classes sociais mais poderosas).

Estes teatros, impressos em papel e destinados a serem recortados e montados em cartão, ou então adquiridos já completos, depois instalados em pequenas estruturas de madeira criadas para esse efeito, para além do grande valor e interesse artístico, reproduzem

na perfeição como eram os teatros propriamente ditos dando, por isso, informação precisa sobre a cenografia, os trajes de cena, a decoração teatral e o próprio ambiente da época a que se reportam.

Neles se antecedia ou prolongava, em jeito de brincadeira que envolvia a imaginação de toda a família, as excitantes idas ao teatro. Actualmente, os teatros de papel voltam a ganhar importância, devido ao seu potencial educativo. (para. 1-2)

Para além da aprendizagem dos conteúdos programáticos relativos a materiais e técnicas para o desenvolvimento da ilustração tridimensional, os alunos tiveram que investigar o que é um tapete contador de histórias e o teatro contador de histórias, em que âmbito estes suportes são utilizados e principalmente o público-alvo a que são destinados. Tiveram também que experimentar diversos materiais que lhe permitissem fazer a transposição do formato bidimensional para o tridimensional da forma mais fiel possível em relação às ilustrações desenvolvidas por eles na primeira fase do projeto.

A opção pelos contos de Andersen é também refletida nesta fase do projeto, visto que segundo Teixeira (2008),

A obra de Andersen patenteia o inegável prazer de escrever como quem conta! Ele próprio afirmou que escreveu os seus contos e as suas histórias como se as estivesse a contar às crianças. Na verdade, sabemos pelos seus biógrafos que ele foi um apaixonado contador de histórias. (p.234)

Veloso (2005), refere ainda que,

Se olharmos a obra de Andersen numa perspectiva pragmática, verificamos que a arte de contar ali encontrou sede própria. Todos os biógrafos e testemunhos vários focam esta valência como um dos elementos mais importantes na caracterização da escrita anderseniana. (...) É uma escrita em voz alta. Dificilmente encontraremos em toda a literatura universal destinada ou não às crianças um autor que tenha conseguido, de forma sublime,

associar a criação literária à eterna arte de contar; saber captar a atenção permanente do leitor como se de um ouvinte se tratasse. (p.109)

Como anteriormente indicado, a realização deste projeto tinha objetivos bem definidos, sendo eles: a) a criação de um objeto didático direcionado à educação pré-escolar e ao ensino do 1º ciclo do ensino básico; b) perceber as dificuldades projetuais da transformação tridimensional de um conto; c) analisar soluções alternativas num projeto de ilustração, tendo em conta a mensagem visual a transmitir a um determinado público-alvo.

Por opção das docentes a segunda fase do projeto foi realizada em grupos de 4 alunos, visto que a passagem das ilustrações de bi para tridimensional exigiria um esforço adicional e maior tempo para execução da tarefa.

Foram igualmente definidos alguns constrangimentos, nomeadamente as dimensões do objeto, que não poderia exceder as medidas definidas no enunciado e a obrigatoriedade de recurso apenas a materiais de origem ecológica (papel, cartão canelado, tecidos, cola branca e materiais reutilizados).

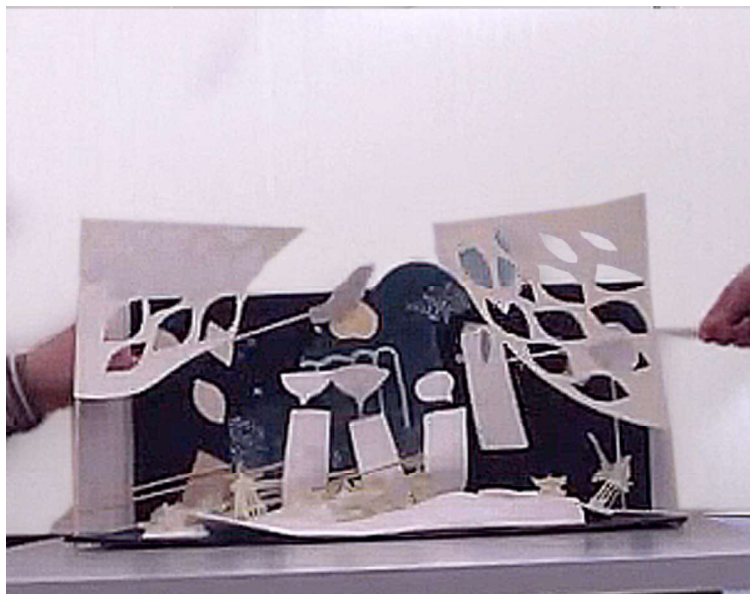
### **Alguns dos resultados**

Os resultados demonstraram diferentes objetos didáticos que proporcionam a comunicação do conto através da sua narração e comunicação visual, as ilustrações tridimensionais.

Apresentam-se de seguida e de forma reduzida alguns resultados obtidos e desenvolvidos pelos alunos: objetos contadores de histórias que a partir do uso de cores, texturas, volumes, díspares materiais e ilustrações comunicam a história em imagem tridimensional, ampliando a perspetiva do imaginário. Os alunos não só tiveram de criar o objeto, como também tiveram de preparar a hora do conto, levando este projeto a uma outra dimensão, onde através da voz – narração oral - envolveriam e conduziriam as crianças ao universo das histórias.



*Imagem 5 – Tapete contador de histórias a partir do conto “A Polegarzinha”.*



*Imagem 6 – Teatro de Papel a partir do conto “O Roxinol do Imperador”, baseado nas ilustrações bidimensionais do aluno Călin Mureșan.*



*Imagem 7 – Teatro contador de histórias a partir do conto “O Fato Novo do Imperador”, baseado nas ilustrações bidimensionais do aluno Ricardo Ladeira Carvalho.*

### **Considerações finais**

Os resultados obtidos foram explorados com base na criatividade de cada aluno, resultado da sua própria interpretação do conto. O seu trabalho ilustrado permite ampliar as experiências e as perspetivas do imaginário.

As linguagens das ilustrações bidimensionais, através da técnica, estilo e traço, e tridimensionais, através de desenhos, cortes, colagens, diferentes materiais e texturas comunicam as especificidades dos contos de Andersen e marcam a aplicação dos conhecimentos teóricos, práticos, estéticos e técnicos do aluno e do grupo de trabalho. Embora estes projetos tenham sido construídos de forma artesanal, com tecidos coloridos, materiais reutilizáveis, papeis diversos, que ilustram os contos da proposta de trabalho, utilizando uma linguagem visual pormenorizada, são passíveis de serem reproduzidos.

Podemos concluir que os alunos conseguiram cumprir com os objetivos propostos. Desenvolveram um objeto didático direcionado à educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico; conseguiram perceber as dificuldades projetuais da passagem de uma ilustração bidimensional para uma ilustração tridimensional, mantendo a mesma coerência

ilustrativa; conseguiram analisar, discutir e apresentar soluções alternativas no projeto de ilustração, tendo em conta a comunicação da mensagem.

Praticamente todos os projetos — tapetes e teatros — desenvolvidos foram doados pelos alunos ou pelas docentes a escolas do Pré-Escolar e do 1.º ciclo do Ensino Básico.

As docentes e os alunos entenderam que estas contribuições seriam úteis e interessantes para o/a educador/a e/ou professor/a poderem utilizar em momentos de narração oral, enriquecendo, assim, o conhecimento do público infantil.

### Referências Bibliográficas

- Antunes, M. (2016). O Design Gráfico para a infância — os manuais escolares do 1.º Ciclo do Ensino Básico em Portugal [Tese de Doutoramento não publicada]. Universitat Politècnica de Valencia
- Coquet, E. (2002). A Ilustração Tridimensional (as imagens que querem fugir dos livros). Actas do 3º Encontro de Investigadores em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança.
- Cordas, M. (2017). Da ilustração tridimensional ao plano da página no álbum para a infância em Portugal. [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade de Aveiro
- Espada, S. (2016). O Artesanato como Identidade do design Ecológico em Portugal – Design ecológico como estudo de intervenção da Cestaria da Beira Interior Norte. [Tese de Doutoramento não publicada]. Universitat Politècnica de Valencia
- Hans Christian Andersen Poeta e escritor dinamarquês. (2006). <https://educacao.uol.com.br/biografias/hans-christian-andersen.htm>
- Lara, C. (maio de 2020). O adulto, a criança e o livro: A função libertadora e informativa da leitura compartilhada. <https://leiturinha.com.br/blog/o-adulto-a-crianca-e-o-livro-a-funcao-libertadora-e-informativa-da-leitura-compartilhada/>
- Linden, S. (2011). Para ler o livro ilustrado. Cosac Naify
- Lins, G. (2004). Livro infantil? Projeto gráfico, Metodologia, Subjetividade. Rosari
- Macêdo, L. (2009). Pensando ilustração: uma produção em gravura. [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2009.GT2\\_luciana\\_v\\_macedo.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2009.GT2_luciana_v_macedo.pdf)
- Munari, B.(2004). Das Coisas Nascem coisas. Edições 70.
- Reichelt, D. (2012). História do Teatro de Papel. <https://teatroemminiatura.wordpress.com/2012/02/28/historia-do-teatro-de-papel/>

- Riscado, L. (2005). Hans Christian Andersen – da Dinamarca para o Mundo. O Bloco de Nautas – XVI Encontro de Literatura para Crianças. Fundação Calouste Gulbenkian <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12814706/pdf-leitura-gulbenkian-fundacao-calouste-gulbenkian>
- Rocha, N. (2001). Breve História da Literatura para Crianças em Portugal – Nova Edição Atualizada até 2000. Caminho.
- Romani, E. (2011). Design do livro – objeto infantil. [Tese de Mestrado não publicada]. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
- Stark, A. (2015). Literatura, Teatro e um Tapete. In Revista de SENTIDOS DA CULTURA, ano 2, n.º 2. 123-129
- Teatros de Papel (2013). <http://www.museudoteatroedanca.gov.pt/pt-PT/colecoes/TPapel/ContentDetail.aspx>
- Teixeira, C. (2008). Os contos de H. C. Andersen: uma visão romântica da infância. Actas do 7.º Encontro Nacional / 5º Internacional de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Universidade do Minho
- Veloso, R. (2005). Trilhos Andersenianos na Literatura Infantil Portuguesa. O Bloco de Nautas – XVI Encontro de Literatura para Crianças. Fundação Calouste Gulbenkian
- Withrow, S. & Withrow, L. (2009). Illustrating Children's Picture Books. RotoVision